

A erótica do amor virtual

Dupla: Leonardo Scofield, Rodrigo Lyra

Participantes: Juliana Rego Silva; Fêrnanda Paolucci; Mauro Agosti; Leonardo Mendonça; Niraldo de Oliveira Santos; Miguel Antunes; Fabíola Ramon; Natasha Berditchevsky; Leonardo Lopes Miranda; Lourenço Astua; Renata Martinez; Bernardo Carneiro; Rodrigo Gomes; Gustavo Oliveira Menezes

O título proposto pelo ENAPOL para essa pesquisa comporta, tanto em seu significado quanto em seus significantes, uma série de desafios e uma multiplicidade de perguntas. O que seria, antes de mais nada, uma *erótica*? Existiria um tipo específico de amor, o *amor virtual*? Além disso, como entender essa rica palavra tão em voga quanto escorregadia, o *virtual*?

Partindo dessas questões, nosso coletivo percorreu caminhos diversos, por diferentes autores e muitas vinhetas clínicas. A seguir, buscaremos oferecer um recorte e alguma organização do que foi, para nós, esse instigante labirinto.

O contemporâneo e as sombras

Frente a tantas questões atuais, é importante desenvolver o que entendemos como contemporâneo. G. Agamben, em *O que é contemporâneo?*¹¹, expõe uma indagação: “De quem e do que somos contemporâneos? E, antes de tudo, o que significa ser contemporâneo? (Agamben, 2009, p. 57). Em seguida, propõe:

A contemporaneidade é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela (Agamben, 2009, p. 59).

Dessa relação singular com a existência e com o tempo, podemos pensar em uma interpretação crítica da realidade que possa produzir um estranhamento do que é tomado como cotidiano na política e na vida social. Se “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62), cabe pensar: o que pode surgir na escuridão dos modos de laço de nossos tempos?

¹ AGAMBEN, G. *O que é o contemporâneo?* [tradutor Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.

Virtual: telas e algoritmos

Com essa perspectiva, miramos o *virtual*. Frente a tantas possibilidades semânticas, é preciso fazer escolhas e fixar, ainda que provisoriamente, alguns sentidos. Assumimos que *virtual* seria o nome dado ao impacto das novas tecnologias sobre a constituição das identidades e a tessituras dos laços sociais. Em suma, é da internet que se trata.

Em meio a tantas transformações, destacamos duas dimensões: o efeito da mediação das telas nos encontros e a incidência dos algoritmos sobre a tessitura dos laços sociais.

A primeira delas é mais evidente, facilmente perceptível; a segunda, tende a ser invisível, pois estrutura simbolicamente toda a proliferação imaginária que salta aos olhos. Com isso, a pesquisa sobre o ‘amor virtual’ deve levar em conta a dimensão dos encontros não presencias, mas não deve restringir-se a isso. Afinal, há casos de encontros amorosos que se desenrolam exclusivamente à distância, nos quais a ausência do encontro de corpos é preponderante, mas o fenômeno cultural mais cotidiano é a mediação que os aplicativos de encontro e as redes sociais exercem sobre as relações amorosas. Na maior parte das vezes, trata-se de um ‘virtual’ entrelaçado aos encontros e não de uma oposição. Ou seja, pessoas que se conhecem através de aplicativos, em seguida se encontram, passam então a se ‘seguir’ nas redes sociais, encontram-se novamente...

Por isso, não se deve observar apenas a dimensão projetiva própria às telas, que geraria impasses entendidos em nosso campo como *imaginários*, mas incluir também um foco na estrutura simbólica embutida nos algoritmos que tecem os laços sociais e os laços amorosos.

Através desse ponto, a observação cotidiana se entrelaça às reflexões mais gerais sobre a época. Uma abordagem do que haveria de novo no amor nos leva a reconhecer as mudanças na dimensão da autoridade e no modo como o simbólico opera em nossos dias. De um Outro calcado e organizado através da tradição patriarcal, passamos a um ambiente que tende ao relativismo e à pluralidade. Se quisermos arriscar uma fórmula provocativa, trata-se de reconhecer os algoritmos como sucedâneos da tradição.

Vemos a confluência de movimentos de dimensões distintas. Uma longa trajetória cultural de fragilização da tradição se articulou a uma invenção técnica – a internet –, que pulveriza antigos filtros, possibilidades e limites. Então como navegar, como localizar pessoas, assuntos, informação, como se encontrar? Os algoritmos são os caminhos, às vezes estreitos, outras dispersos, que se oferecem a nós, caminhos que somos obrigados a percorrer para ter alguma direção em meio a uma rede que tende ao infinito. Ou seja, quando as possibilidades de acesso a pessoas e conteúdos aumenta vertiginosamente e deixam de obedecer aos percursos e limites sugeridos

pela organização clássica de cada espaço da sociedade, passamos a depender dos algoritmos para exercer essa mediação.

Sobre esses algoritmos e seus impactos na navegação, na subjetividade, nos encontros amorosos não se pode fazer afirmações universais. São redes simbólicas variadas e dinâmicas; cada estrutura produz uma experiência distinta. É possível, contudo, reconhecer tendências prevalentes, investigar e aprender com a experiência clínica.

Nesse caminho, as perguntas se multiplicam. Como ficam as manifestações dos detalhes corporais e pulsionais em meio a essa rede? O que dizer do objeto *a* quando alguém se molda à formatação que cada algoritmo exige e calcula sua própria apresentação? Como a causa de desejo se articula e se adapta a aos aplicativos de namoro? Como alguém fala de si e com que dose de ironia, como nomeia seu lugar na sexualidade? A quem se dirige? Que efeitos a dimensão pública do mundo virtual impõe à dinâmica amorosa?

Sobre a transferência na experiência virtual

Em tempos de pandemia, pareceu importante somar a essas indagações outras tantas perguntas sobre os efeitos na transferência dos atendimentos realizados através da internet.

A clínica psicanalítica é um dispositivo lógico, operado por um discurso, e não uma configuração material específica. Há muito, psicanalistas saíram do consultório e, em lugares variados, praticam a psicanálise. Lacan (1998, p. 602), ao escrever sobre o processo de transferência na direção do tratamento e argumentar com psicanalistas que primavam por uma manutenção de relação imaginária - o analista como um eu ideal - arriscou a seguinte observação: “*Primus vivere*, sem dúvida: há que evitar o rompimento. (...) Mas quando se confunde essa necessidade física da presença do paciente na hora marcada com a relação analítica, comete-se um engano e se desencaminha o novato por muito tempo”².

Mas como entender sua observação num contexto tão radicalmente imprevisível à época? Nossa experiência pandêmica nos expõe, por exemplo, a uma profusão de mensagens de *WhatsApp* com perguntas que seguem uma lógica de mercado: “quanto custa a sessão?”, “qual é sua linha de trabalho?”, “quanto tempo dura o tratamento?”... São perguntas que inserem o analista no rol dos prestadores de serviço e que visam responder se a demanda será bem atendida. No campo do amor transferencial, talvez uma tentativa de antever se naquele encontro haverá “*match*”.

Como é possível dialogar com essas abordagens sem submeter-se à lógica do mercado? De forma breve, podemos pontuar uma orientação extraída de “A direção do tratamento e os princípios de seu poder”, de 1958. Nesse texto, Lacan utiliza a tríade

² LACAN, J. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

tática (da interpretação), **estratégia** (do manejo da transferência) e **política** (da falta-a-ser), como orientação para direção do tratamento. O analista não direciona o paciente, mas o tratamento.

Para tal, ele é sempre livre quanto ao momento, ao número e o modo de suas intervenções (p. 594), ou seja, grande liberdade tática. Na estratégia, a liberdade diminui: “Quanto ao manejo da transferência, minha liberdade, ao contrário, vê-se alienada pelo desdobramento que nela sofre minha pessoa, e ninguém ignora que é aí que se deve buscar o segredo da análise”. (p. 594). Ou seja, a transferência ao mesmo tempo limita e indica as posições a partir das quais o analista pode operar.

O analista é ainda menos livre no que diz respeito à política. É preciso que esteja submetido à política da falta-a-ser para que possa direcionar o tratamento e não se perca nas boas intenções de uma relação dual. Nesse texto, Lacan critica os analistas da época que, ao encarnar uma posição de ideal, fixam a transferência no campo imaginário (p. 625). Afinal, uma análise nada tem a ver com uma terapêutica que visa à educação emocional do paciente ou à *otimização* de seu desempenho.

A política da falta-a-ser busca a emergência do desejo e através dele, o tratamento do gozo. Ao consentir com o não ser, emerge naquele que seria terapeuta o desejo do analista, podendo produzir efeitos de verdade no gozo daqueles que recorrem ao dispositivo. Mas não se trata de um princípio terapêutico. A presença do analista está advertida de que não há *match* perfeito, já que “o encontro é sempre faltoso” (Sem 11, pg. 128).

A política pela qual o analista se orienta faz, assim, obstáculo à lógica do mercado, utilitarista, que visa ao bem comum e à felicidade. No entanto, o psicanalista não está protegido. Ele paga com sua palavra e com sua presença, corpo que encarna os efeitos da transferência (Lacan, 1958) mesmo que essa presença seja de uma voz ou de um olhar na tela.

A partir daí, nos perguntamos: como essa orientação é capaz de acolher e interpretar os modos virtuais através dos quais os sujeitos hoje se encontram? Quando algoritmos se esforçam por prever escolhas, fixar interesses, regular identidades, como pode a política da psicanálise tornar viva e criadora a percepção de que não há relação sexual?

O amor no mundo dos apps

Em “A disparidade do amor”³, Eric Laurent descreve essa condição do sujeito que não crê mais na modernidade, nem na nova solução inventada e tampouco nas velhas soluções: “Daí a dificuldade para sair da posição de um ‘não me venham vender histórias de amor, nem de nenhuma outra coisa’. Fim das ideologias, mas também fim das histórias de amor. E ao mesmo tempo, a constatação do caráter inelutável disso” (p.21).

³ LAURENT, E. A disparidade no amor. In: Curinga 24 Nomes do amor. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise – Seção Minas Gerais, 2007.

Pensemos num aplicativo de namoro: como escolher alguém em meio aos mais de 340 milhões de usuários do *Tinder*? Embora se denuncie a banalização do sexo nos encontros contemporâneos, a mediação dos aplicativos tende a exigir uma boa dose de troca de material simbólico antes da cama, certamente mais que um encontro iniciado numa festa com som alto... Essa observação pontual serve para temperar leituras demasiadamente degradadas dos amores virtuais. A fragilidade dos ideais românticos e até a obscenidade da busca pelo sexo casual não significam, afinal, que histórias não se escrevam. Há histórias, há ficções, mesmo sob um fundo de desidealização. Histórias que podem ser lúcidas ou desembocar em amores loucos.

Mas nessa dinâmica virtual dos *matches*, o que proporciona a invenção de uma dimensão amorosa? Ram Mandil fornece uma indicação que nos esclareceu:

Os aplicativos de encontros estão estruturados em forma de jogos. Os desfiles de perfis, mais ou menos aleatórios, podem ou não gerar *match*. A palavra inglesa *match* indica o pareamento, a combinação. Pelo que se relata dessa experiência, não basta a contingência do encontro para que algo do amor se produza. É quando o real entra em jogo – quando os parceiros se dão conta da irrupção da diferença –, é aí que a partida amorosa realmente inicia. Uma partida que implica, sobretudo, encontrar maneiras de lidar com o que não faz par⁴.

Eróticas

Somos então levados à questão da *erótica*, uma palavra ao mesmo tempo conhecida e enigmática. Como entendê-la e, sobretudo, como servir-se dela no campo da psicanálise?

Segundo Ana Lúcia Lutterbach⁵, a elaboração do termo *erótica* como um conceito não pode ser encontrada na obra de Freud, nem no ensino de Lacan. O que temos são passagens ou usos do vocábulo para designar um conjunto de traços particulares numa dada situação.

No início de seu Seminário 7, “A ética da psicanálise”, Lacan coloca uma pergunta:

Por que a análise, que forneceu uma mudança de perspectiva tão importante sobre o amor, colocando-o no centro da experiência ética, [...]

⁴ Mandil, Ram. “O que há de real no amor?”. In: *Mutações do laço social: o novo na parceria*. ALVARENGA, E.; MACEDO, L.. Belo Horizonte: EBP, 2021. p.173.

⁵ Lutterbach, A. L. “As Eróticas Lacanianas e a inexistência do outro”. In: *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*. <https://www.scielo.br/j/agora/a/hMvybSmRTRfCvRLdCQgCGHv/?lang=pt>

por que a análise não foi mais longe no sentido da investigação daquilo que devemos chamar, propriamente falando, de uma erótica?⁶

Em outra passagem, no Seminário sobre a Identificação, um aparente ajuste de perspectiva: ele propõe que não caberia à psicanálise propagar uma *erótica*, pois concerne aos analistas buscar soluções singulares em cada caso, uma vez que o “isso não funciona” acerca da sexualidade está posto para todo ser falante. Não existem, portanto, práticas gerais que garantam uma correlação de um sexo a outro.

Sendo assim, a título dessa investigação, propomos falar de eróticas no plural como “as diferentes estratégias subjetivas na abordagem do objeto” ou mesmo as condições singulares de gozo que condicionam a experiência da sexualidade. É o que pode ser evidenciado nas vinhetas clínicas a seguir, que apontam a incidência do virtual nas experiências eróticas de cada sujeito.

S. está há anos em relacionamento amoroso “estável”, contudo mantinha constante contato erótico com colegas próximos. Quando circunstâncias práticas a impossibilitaram de continuar encontrando esses colegas, voltou-se ao meio virtual.

Em um primeiro momento, a mesma erótica reproduziu-se: envolvia-se com intensidade, falavam-se sem parar, produzia-se alguma briga e o relacionamento se dissolia. Essa repetição a lançava na solidão.

Depois de algum tempo, relata algo inédito: encontra virtualmente com alguém e agora conversa sobre cotidianidades. Sente-se menos só. Foi no virtual que pôde romper com o que a lançava para o mesmo lugar, da “mulher sozinha”.

T., de 18 anos, apresentava sensação de descontrole corporal que o impedia de se aproximar fisicamente das pessoas. Diante do olhar dos outros, tremia.

Após ser abordado por uma garota em um encontro, isola-se no quarto onde assiste a “live streaming”, vídeo de gamers. T. fica capturado por traços comuns nos jogadores: “são engraçados, falam sobre suas dificuldades e sobre as condições que os fazem diferentes e, também, sobre a vontade de poder ajudar crianças e idosos”. Esse ponto de captura, que toca em sua dificuldade com o laço, permitiu com que T. falasse em análise dos seus laços de amizade e fazer novas parcerias. A questão do encontro com o outro sexo permanece, mas ele parece ter extraído do campo virtual um traço a partir do qual retomar a sociabilidade.

Chegamos, então, à percepção de que ***não há uma erótica do amor virtual. Há novidades radicais, há rupturas, mas elas não conduzem a um modo de gozo específico.*** O que se pode fazer é registrar uma pluralidade de *insights* clínicos e teóricos, de percepções de analistas que revelam pontos de sombra, em que algo é percebido com surpresa.

⁶ Lacan, J. *Seminário livro 7: A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, pg.18.

O desafio estaria, então, em extrairmos, no caso a caso, o uso singular que cada sujeito faz da técnica, como aparecem as incidências do real para cada um por essas vias. Ou seja, uma certa lista, não exaustiva, de perspectivas das eróticas do amor virtual.